

## CIS-HÉTERO-BOLSONARISMO: O PERIGO COR-DE-ROSA COMO ESPECTRO DA AMEAÇA VERMELHA

### Rick Afonso-Rocha

*É uma bicha, nordestina, branca, contra-CIS-identificada: doutoranda e Mestra em Letras: Linguagens e Representações, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL/UESC). Bacharela em direito (UESC) e advogada (OAB/BA). Bolsista FAPESB. Integrante do grupo de pesquisa O Espaço Biográfico no Horizonte da Literatura Homoerótica (GPBIOH), do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais da UFRPE (NuQueer) e do Grupo de Pesquisa Estudos Literários Contemporâneos: Fontes da Literatura de Jornal da UEFS. Realiza pesquisa sobre as relações de poder entrecruzadas pelo medo/esperança (deimopolítica), sobre a inimigalização dos sujeitos cis-heterodissidentes, sobre as literaturas bichasapatrans em contextos ditatoriais, sobre o efeito-sátira em literaturas sob anonimato e sobre as políticas sexuais e de gênero no cis-hétero-bolsonarismo. E-mail: rarocha@uesc.br.*

### Resumo

Há algum tempo, me propus a pensar a respeito das políticas sexuais e de gênero do/no bolsonarismo. Hoje, tento apresentar alguns pontos dessa reflexão, ainda provisória. Com a formulação “cis-hétero-bolsonarismo”, pretendo, portanto, refletir sobre o lugar das políticas sexo-gendradas nas configurações autoritárias da extrema direita, metonimizadas naquilo que, de repente, começou-se a chamar bolsonarismo; conseqüentemente, tais configurações extrapolariam as fronteiras do “governo” do presidente Jair Bolsonaro. Para dar continuidade a esta empreitada, pretendo delimitar, neste trabalho, esse fenômeno reacionário como uma formação histórica dominante da significação da dissidência sexo-gendrada *recursiva* ao fascismo, ao integralismo e ao cis-hétero-militarismo.

**Palavras-chave:** Estudos da linguagem, Políticas sexuais e de gênero, Biopolítica, Fascismo.

## Introdução

O cis-hétero-bolsonarismo<sup>1</sup> (AFONSO-ROCHA, 2021a) corresponde, em meu modo de ver, a uma nebulosa político-ideológica de imagens afetantes. Disso resulta sua difícil caracterização, a exemplo dos debates sobre as (im)possibilidades de adjetivá-lo como um movimento (neo)nazifascista<sup>2</sup> ou, pelo menos, como movimento com inclinações autoritárias. Há quem afirme categoricamente: o cis-hétero-bolsonarismo é (neo)nazifascista (BOITO JR, 2020). Contudo, há aqueles que, considerando-se mais “cuidadosos”, alertam-nos para as impertinências dessas aproximações feitas, supostamente, “no calor do momento” (BORÓN, 2019).

Essa suposta confusão terminológica decorreria da existência tanto de elementos centrais no cis-hétero-bolsonarismo que o aproximam do nazismo, do fascismo, do integralismo e de tantos outros fenômenos autoritários e populistas; como também, segundo uma leitura mais tradicional (CHAUÍ, 2019), da existência de elementos que o distanciariam daqueles movimentos reacionários, inclusive, tal interpretação sublinha o aspecto contraditório desse enquadramento e do próprio cis-hétero-bolsonarismo que congregaria elementos aparentemente inconciliáveis em relação ao movimento fascismo.

Noutra direção, relativamente distinta, sustento que o cis-hétero-bolsonarismo se traduz num mosaico de imagens (neo)nazifascistas. É uma bricolagem contraditoriamente picotada. Não estranhemos, portanto, suas mãos coladas na cabeça ou sua boca nas costas. Seu

1 Este texto apresenta algumas das reflexões que faço em minha pesquisa de tese, provisoriamente intitulada *Ameaça rugosa: Impenetrabilidade anal e fabricação da masculinidade cis-hétero-bolsonarista na quase-literatura de Messias Botnaro*, sob orientação de André Mitidieri e coorientação de Rodrigo Parrini Roses.

2 Ao radicalizar a proposta de Viviane Vergueiro Simakawa (2015) em relação ao conceito *cistema-mundo*, para destacar a dimensão cisgênera e heterossexista imanente e estrutural ao fascismo, grafo-o como *fascismo*, apontando o imperativo cisgênero dessa formação ideológica fundante da ordem capitalística pelo uso do itálico. Tal movimento de reescritura poderia ainda ser assim grafado: *fasCISmo*. Essa resignificação do fascismo como *fascismo* visa a demarcar as políticas sexuais e de gênero (aqui poderia se falar em ideologia de gênero *fascista*) que lhes são inerentes. É impossível dizermos *fascista* ou *fascismo* sem enunciar a ordem cisgênera.

funcionamento deimopolítico<sup>3</sup> faz-se pela recursividade<sup>4</sup> estrutural ao fascismo, em seu sentido mais amplo. Recursividade que pressupõe sua difícil caracterização, pois se afiança numa indeterminação contraditória. Não sendo, integralmente isso ou aquilo, o cis-hétero-bolsonarismo passa como um aglomerado enunciativo confuso, supostamente sem consistência, sem expectativa de durabilidade. Logo, estaria fadado ao fracasso, à necessária superação, ao desaparecimento. Paradoxalmente, o sucesso do cis-hétero-bolsonarismo é seu próprio fracasso. Ou melhor, o sucesso do cis-hétero-bolsonarismo é produzir seu fracasso imaginário (HALBERSTAM, 2020), o que, de alguma forma, funciona a neutralizar algumas das ações de combate, de resistência.

Todavia, isso não é aleatório ou circunstancial. Proponho-me a pensar, então, essa imagem do aparente fracasso incontornável a que estaria legado o cis-hétero-bolsonarismo como um dos seus funcionamentos políticos de perpetuação. Pensar como o cis-hétero-bolsonarismo produz-se como um movimento fadado ao fracasso, inconsistente, contraditório, cujas estruturas dispersas e heterogêneas impediriam seu fortalecimento.

Não devemos olhar com desconfiança para as análises que apontam que o cis-hétero-bolsonarismo constitui, em algum sentido, uma

---

3 Por funcionamento deimopolítico (AFONSO-ROCHA, 2021b), tomo os (re)arranjos simbólico-imaginários que visem à mobilização dos afetos coletivos em defesa da sociedade, justificando tanto o fundamento místico das autoridades quanto o apelo às configurações autoritárias.

4 Recursividade que é aqui tomada como repetibilidade infinita e possibilidade de criatividade; uma forma de fazer trabalhar a materialidade repetível do enunciado, a qual aponta para as interrelações enunciativas, tanto em seu nível linguístico, quanto em seu nível lógico, podendo (con)formar outras unidades de sentido, de modo a atualizar *domínios de memória* (COURTINE, 2014). Logo, quando tomo o cis-hétero-bolsonarismo como uma formação histórica dominante da significação das dissidências sexo-gêndradas e que estabelece relação de recursividade com o fascismo, o integralismo e o cis-hétero-militarismo, penso na rede dispositiva que se estabelece nesse funcionamento deimopolítico de retroalimentação constitutiva, no qual tais fenômenos reacionários comparecem como domínios de memória do cis-hétero-bolsonarismo. Ou seja, os enunciados que emergem nesse registro produzem sentidos pela repetição criativa e, por isso, podem re-atualizar as memórias daqueles movimentos reacionários, a ponto do cis-hétero-bolsonarismo ser compreendido, ao mesmo tempo, como uma derivação, uma re-emergência, ainda que preservando certas regularidades, tanto do fascismo como do integralismo, por exemplo.

re-emergência, ainda que preservando certas regularidades,<sup>5</sup> tanto do fascismo como do integralismo<sup>6</sup>. Eis o cis-hétero-bolsonarismo: contradições funcionais, configurações ditatoriais e uma boa pitada de ressentimento,<sup>7</sup> que serve como mobilizador dos afetos reacionários e do desejo fascista (pulsão de morte radical). Mais o elemento fundamentalista cristão.

Dessa forma, não desprezo que o cis-hétero-bolsonarismo se traduza como a *doutrina*<sup>8</sup> contra “*tudo isso daí*”. Longe disso ser a expressão de sua “ignorância” ou inconsistência, coloca em jogo um *generalismo estratégico*: sendo contra tudo, o cis-hétero-bolsonarismo se projeta como única saída e única chance de vitória na guerra imaginária que ele mesmo re-atualiza, reforça e re-cria. Uma guerra fantasmática produzida, pela política de ressentimento, como instrumento de punição dos ditos inimigø.<sup>9</sup> Essa punição é produzida, então, como justa, merecida e legítima: a guerra fantasmática como forma de exercitar a punição dos transgressores, daqueles que supostamente ameaçariam o vínculo societal (NIETZSCHE, 2009; FOUCAULT, 2015).<sup>10</sup>

Nessa confluência polimorfa e aberta, o inimigø a ser urgente e reiteradamente combatido/eliminado se torna indistinto: nem homem

5 Todo enunciado é portador de uma certa regularidade e não pode dela ser dissociado. Não se deve, portanto, opor a regularidade de um enunciado à irregularidade de outro (que seria menos esperado, mais singular, mais rico em inovações), mas sim a outras regularidades que caracterizam outros enunciados.” (FOUCAULT, 2008, p. 163).

6 COELHO, Leandro. Bolsonaro ressuscitou o integralismo, dizem autores de livro sobre o tema. *Ponte*, 18 de agosto de 2020. Disponível: <<https://ponte.org/equiparar-integralismo-ao-fascismo-ou-nazismo-e-equivocado-dizem-autores-de-livro-sobre-o-tema/>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

7 Penso na reflexão de Friedrich Nietzsche (2009) sobre a memória combativa/reativa do ressentimento, a memória de rebanho fantasmática que se produz como reação punitiva àqueles que são lidos como transgressores e que com isso se legitima.

8 Doutrina aqui em termos foucaultianos (2014).

9 O símbolo ø (vazio) serve para sinalizar o significante mítico que se (des)dobra sobre si, flutuando entre outros significantes numa cadeia infinitesimal. Funcionamento mítico pelo qual o inimigø sempre pode ser outro, mas não qualquer um (há corpos inimigalizáveis).

10 Relaciono esse funcionamento de inimigalização do outro ao funcionamento estrutural necessário à manutenção, justificação e perpetuação da autoridade. Assim, a inimigalização é recursiva ao fundamento mimético da autoridade. Há autoridade porque há produção de inimigø virtuais (*iterabilidade da ameaça*). A política de ressentimento funciona pela produção de uma memória combativa – “lembre-se: é preciso defender a sociedade, é preciso combater os inimigø”.

nem besta, nem humano nem animal, nem morto nem vivo. A consequência desse funcionamento é que a imagem da ameaça pode ser facilmente deslocada conforme os interesses ordinários das classes e grupos hegemônicos: hoje, os imigrantes; amanhã, os negros ou as bichas ou ambos. Isso não significa que o inimigo possa ser qualquer um. Há corpos mais fáceis de serem marcados como alvos, visto que já habitam zonas de abjeção.

Usei a metáfora da poeira interestelar (nebulosa) para marcar uma especificidade do cis-hétero-bolsonarismo, visto que esse fenômeno, tal como o leio, possui consistência evasiva, volátil e densidade plástica ou gasosa. Com isso, não quero apontar para seus supostos equívocos, muito menos busco tomar suas contradições como índices incontornáveis da fraqueza ou do fracasso desse movimento. Pelo contrário, sua gasosidade lhe é imanente, funcional e estrutural, assim como seu fracasso imaginário. Para que seja efetivo, precisa funcionar como uma nébula social: aglomerado visível de discursos e ícones difusos, heterogêneos e contraditórios. Ou seja, precisa dissimular um não-apagamento da contradição como signo de fraqueza e debilidade. Seria tão, aparentemente, confuso e contraditório que passaria, à primeira vista, como algo ridículo, que nem mereceria nosso interesse. Contudo, esse ridículo é político, como bem demonstrou Márcia Tiburi (2020).

Como efeito dessa visibilidade difusa, podemos citar que, até 2017, era comum vermos “especialistas” políticos rirem quando questionados sobre a possibilidade da eleição de Jair Bolsonaro, ainda que seu nome já se colocasse como uma possibilidade real de ir ao segundo turno. Houve quem afirmasse que, chegando mais próximo das eleições, seu eleitorado migraria para um candidato mais “sério”, da dita centro-direita.<sup>11</sup> Ainda hoje, alguns se perguntam incrédulos: “como foi possível?”.

Em alguma medida, o cis-hétero-bolsonarismo explorou sua própria ridicularização. Há uma truculência cômica que mascara os absurdos do cis-hétero-bolsonarismo. Leva-se a rir. Pelo riso, facilita-se a sujeição e produz-se a aceitação de absurdidades escamoteadas

11 MARQUES, Vitor. Para cientista político, quem declara voto em Bolsonaro deve migrar para PSDB. *Estadão*, 09 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/10/09/para-cientista-politico-quem-declara-voto-em-bolsonaro-deve-migrar-para-psdb.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

pelo funcionamento do cômico, do digno de riso. Desprezar o grotesco no cis-hétero-bolsonarismo, ou lê-lo como mera cortina de fumaça, é deixar seu funcionamento escorrer pela rigidez da análise que busca tudo explicar numa moldura do século XIX. Penso ser também este o funcionamento do cis-hétero-bolsonarismo: é o controle pelo grotesco, pelo medo, pelo riso (MINOIS, 2003) que serve à produção das condições de aceitabilidade do absurdo, do que antes era, talvez, visto como inaceitável; riso que serve à mobilização do desejo fascista. Uma governamentalidade ne(cr)oliberal sustentada pelo *estado de ameaça permanente* e pelo risível como mecanismo de produção da comunidade cis-hétero-bolsonarista, visto que

A identificação, ou mesmo a contra-identificação com dada formação [...] [histórica] determina o que será ou não risível, o que funcionará na economia psíquica. Por vezes, o dito ou a imagem espirituosa será norteadada pela via do humor, de um real impossível que seja de outro modo, borrado na determinação lógica, ou mesmo pelo imaginário, o jogo de imagens que circulam no efeito cômico. Assim, é pela via do interdiscurso, que se atualizam/metaforizam em dadas condições históricas, que as piadas significam e são significadas pela tomada de posição no fio do discurso de sujeitos-personagens e sujeitos-espectadores (PINTO, 2019, p. 73).

Pela presunção de confiança<sup>12</sup> no projeto humanista (colonial, não esqueçamos), supõe-se que os valores ditos civilizatórios funcionariam como uma pressurização moral contra o *discurso da estupidez* (DIAS, 2020), impossibilitando, assim, mandatos, no Executivo, como de Jair Bolsonaro, de Levy Fidelix ou mesmo de Enéas Carneiro. Tais candidaturas eram levadas a sério apenas por um gato-pingado de eleitores, imaginarizava-se. Para os demais, funcionariam como alívio cômico durante o horário eleitoral e durante os debates. O espaço político no qual aquelas figuras pitorescas ou folclóricas podiam ser aceitas (ou toleradas) seria o Legislativo. E ali, tudo cabia, sem grandes

12 O uso da indeterminação pronominal visa a destacar o funcionamento enunciativo que produz como ilusão uma pretensa homogeneidade. Lembro que, para além da identificação, há desidentificações e contra-identificações. É preciso desconfiar dessa imagem que pressupõe a existência apenas de sujeitos plenamente identificados com esse humanismo. Tal homogeneidade é, em si, um efeito das relações de poder.

riscos, pensava-se. Fato esse que, de alguma forma, era explicado pelo imaginário do voto-protesto. Pelo menos, era essa a imagem que se acreditava dominante. Esquecera-se, contudo, dois fatos. Primeiro, há imagens que fraturam o funcionamento dominante de produção de homogeneidade. Com isso, o que antes era visto apenas como alívio cômico, também estava a produzir suas identificações e suas contradições, explorando os espaços do riso pelo qual podia circular livremente. Segundo, esquecera-se que a outra face do projeto humanista é a produção da barbárie como forma de controle social e que a barbárie pode fazer rir, mobilizando, com isso, identificações e despertando o desejo fascista em estado de latência ou de vergonha.

É preciso pontuar que o cis-hétero-bolsonarismo, tal qual o conceito, não se confunde com o nome civil sob o qual é substanciada a ocupação empírica da presidência da República. Esse funcionamento deimopolítico comparece antes e, certamente, permanecerá para além do significativo *Jair Bolsonaro*. Pode ser até que o tubo dérmico ou plataforma orgânica nomeada como *Jair Bolsonaro* deixe de reclamar uma identidade imaginária de bolsonarista. Ainda assim, o cis-hétero-bolsonarismo poderá existir como nebulosa político-ideológica. Esse nome civil serve como ponto de ancoragem contingente do movimento autoritário: “[...] Jair Bolsonaro foi o ponto de fuga de uma série de pulsões fundadoras de nossa formação atavicamente desigual e profundamente hierárquica [...]”. (ROCHA, 2021, p. 354).<sup>13</sup> Antes dele, ensaiaram-se suportes subjetivos outros, a exemplo de *Marco Feliciano*, *Magno Malta*, *Silas Malafaia*. Contudo, foi pelo uso do significativo *Jair Bolsonaro* que teve condições de emergência e de hegemonia. Se não fosse esse, certamente, seria outro.

Com esse funcionamento mitológico (BARTHES, 2001), do significativo que se dobra e desdobra sobre si, o *fascismo que vem*<sup>14</sup> pôde (re)produzir sua repetição identificatória. Era preciso produzir

<sup>13</sup> Para além da figura mítica de *Jair Bolsonaro*, Renato Lessa (2020) propõe pensarmos o substrato antropológico balizador das condutas da extrema direita reacionária pela produção de um ideal distópico de “homem novo”: o *homo bolsonarus*.

<sup>14</sup> Com essa formulação, busco contrastar o *fascismo* contemporâneo com aquilo que Giorgio Agamben (2013) denominou *comunidade que vem*. O *fascismo* que vem seria, assim, o outro dessa comunidade sem identidade, dessa singularidade formada pelo *qualquer*. Em alguma medida, expressa-se como movimento reativo ao vir a ser *communitas*.



uma posição de sujeito nomeável, de modo a produzir identificações fascistas sem que tal memória fosse diretamente evidenciada. O “bolsonarismo”, assim nomeado pela ancoragem no nome civil *Jair Bolsonaro*, não passa de uma contingência, uma montagem aleatória que surgiu, que *pegou*.<sup>15</sup> Por isso, entendo o cis-hétero-bolsonarismo como uma rede dispositiva de discursos e imagens autoritárias que se ancoram naquele significante pela produção de uma efígie,<sup>16</sup> visto que, no lugar do significado, comparece uma cadeia infinitesimal de significantes, formatando, com isso, uma *paisagem fascista mitológica de significação dos corpos*.<sup>17</sup>

É a partir do “sequestro” da imagem de um político do baixo clero – conservador, ligado às crescentes forças neopentecostais, trazendo a reboque a ideologia militarista, sem deixar de lado os interesses do agronegócio, do capital internacional e mobilizando, nesse funcionamento ideológico, o imaginário de identificação burguesa da chamada “classe média” – que as configurações autoritárias se condensam e personificam, isto é, ganham corpo e podem se fazer ouvir e ver. *Bolsonaro*, enquanto significante, serve como voz, corpo e imagem do cis-hétero-bolsonarismo. Por meio dessa efígie, o fascismo e o liberalismo mortífero, aquele sem maquiagem, conseguiram se fazer *presença*.

Afirmar uma dimensão cisnormativa e heterossexista no bolsonarismo significa colocar em questionamento a primazia das políticas sexuais e de gênero que intensificam a naturalização e normalização

15 Aqui, faço referência ao *materialismo do encontro*, proposto por Louis Althusser (2005).

16 “Como indica Furetière, ‘quando se vai ver os príncipes mortos em seus leitos de morte, vê-se apenas sua representação, a efígie’. Assim, a distinção é radical entre o representado ausente e o objeto que faz ele presente e nos permite conhecê-lo. Postula-se, então, uma relação decifrável entre o signo visível e o que ele representa.” (CHARTIER, 2011, p.17).

17 Por *paisagem corpórea*, entendo as maneiras de ver e dizer o corpo produzidas em dada formação histórica. A paisagem constitui, assim, uma imagem pretensamente homogênea e estática de dada corporalidade. Investigar a paisagem cis-hétero-bolsonarista dominante significa descrever os regimes de olhares e de dizeres que tornam ininteligível tais corpos e produzem a aceitabilidade social das violências que lhe são direcionadas. A paisagem é a extensão significante pela qual o olhar dominante sobre os corpos dissidentes é modelado, delimitando seu alcance, seu campo de luminosidade e aquilo que é impossível de ser visto. Portanto, gerenciando a circulação de afetos produzidos socialmente em relação àqueles corpos: por quem devemos chorar, quais corpos são indignos de compaixão etc.



da heterossexualidade cisgênera (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020) e que investem, a um só tempo, na estigmatização, na ridicularização e nas violências contra quaisquer possibilidades sexo-gendradas que fraturem, ainda que minimamente, tal imperativo, produzindo, com esse funcionamento deimopolítico, os sujeitos LGBTQ+ como ameaças à família, à sociedade e, conseqüentemente, à nação. Tal investimento serve à mobilização da esperança naqueles que seriam capazes de proteger a sociedade dita normal do *perigo cor-de-rosa*<sup>18</sup> (AFONSO-ROCHA, 2021b). Por isso, a inimigalização dos LGBTQ+ é estrutural ao funcionamento do cis-hétero-bolsonarismo. Para que possa produzir identificações, além de atuar no desavergonhamento diante do desejo social pelo fascismo, fenômeno que estou chamando de *tribalismo reacionário*, precisa distribuir o medo, precisa produzir pânico moral. O cis-hétero-bolsonarismo é uma fábrica de vitimismo. Numa formulação cis-hétero-bolsonarista: *um espectro ronda o Brasil – o espectro da ditadura comubicha/ditadura gayzista-feminazi-comunista*. Eis a paranoica estratégia do cis-hétero-bolsonarismo:

[...] isso nos leva a terceira onda do feminismo: a pior de todas [...] não querem igualdade, elas [feministas] querem abolir as diferenças de gênero. [...] implantar o socialismo para ter independência econômica de mulheres e de crianças. [...] alcançar a liberdade de mulheres e crianças para fazerem o que quiserem sexualmente [...] São coisas tão bizarras que os habitantes de Sodoma ficariam escandalizados em ver isso, ela [Judith Butler] dizendo como os pais deveria fazer sexo com seus filhos. Isso que elas [feministas] propõem [...] O grande projeto é destruir a família monogâmica, a família ocidental cristã [...]. Elas

---

18 A cor rosa, socialmente associada ao “feminino”, numa estratégia de naturalização da diferença sexual e de gênero, é normalmente atribuída à viadagem de forma depreciativa. O rosa aparece como o lugar semiótico da subalternidade daqueles que negam/fraturam a masculinidade dominante e emasculam a sociedade (a existência bicha amputaria o pênis do “macho”). A cor rosa metaforizaria, assim, a extirpação da genitália dita masculina. O rosa comparece como efeito de estereotipia da viadagem: marcando o sujeito não castrado de ânus – aqueles que habitam simbolicamente o cu do social, as multidões de excluídos da história. Por isso, a nomeação dessa “ameaça sexo-gendrada” como perigo cor-de-rosa busca tensionar esse efeito semântico pela assunção radical da periculosidade bicha: “tenham medo, destruiremos sim a família cis-hétero-burguesa cristã”. O perigo cor-de-rosa comparece, no imaginário cis-hétero-bolsonarista, como uma tonalidade da ameaça vermelha (comunista).

favoreciam o lesbianismo. É na esteira desse movimento que surge um outro que é um submovimento chamado ideologia do *queer* [...] A igreja, nessa ideologia, é a grande responsável pelo machismo pois ela impõe um modelo de família.<sup>19</sup>

Com o conceito *cis-hétero-bolsonarismo*, busco, portanto, assinalar uma derivação daquilo que designei como *cis-hétero-militarismo* (AFONSO-ROCHA, 2021b): formação histórica<sup>20</sup> da significação da dissidência sexual e de gênero, mais ou menos delimitada a partir de 1930, com a confluência das ideias ultraconservadoras de anticomunismo no integralismo, resultando na produção sinonímica comunista = devasso moral (“homossexual” = comunista). Tal formação histórica teria rompido o limiar político, estabelecendo-se hegemonicamente

19 Extraído de: PERIN, Marcos. Marxismo cultural: ideologia de gênero. *Canal do Youtube Igreja Batista Regular da Pituba*, de novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=775kUaGZOmC>>. Acesso em: 06 maio. 2021.

20 Ao utilizar o conceito deleuzeano (2017) de *formação histórica*, aponto para o entrecruzamento dos estratos que formam o *saber*: os discursos e as visibilidades. São as condições por meio das quais as mentalidades se formulam e os comportamentos se manifestam em dada região e domínio específico, isto é, adentram no campo de inteligibilidade. Dessa forma, aquilo que é possível ver (ícone) e falar (discurso) em dada época sobre determinado objeto, prática ou sujeito decorre da pressurização das relações de poder dominantes, sendo, portanto, irrelevante questionarmos quem fala ou faz ver. Elas iluminam, hierarquizam e silenciam determinadas práticas, determinando, com isso, o regime de significação: como é vista/dita, hegemonicamente, tal prática em dada época. Há multiplicidade de formações históricas instanciando, pelo seu confronto constitutivo, aquilo que podemos ver e falar. Logo, se uma formação histórica possibilita e potencializa o que pode e deve ser visto e dito, como também estabelece, em seu seio, o que deve e pode não ser dito e visto, devemos suspeitar que ela silencie visibilidades e enunciados não queridos, periféricos, contrários, subterrâneos, de resistência instanciados em outras formações históricas contra-hegemônicas. A formação histórica, pensada como o visível e o dizível de uma época, é tomada como o todo complexo das formações históricas em presença em dada conjuntura. E este todo é justamente complexo, não homogêneo, visto que uma formação vai ser a dominante conjectural em certo domínio de enunciação e, conseqüentemente, existirão as outras formações – as dominadas – que não a refletem, mas estabelecem com a formação histórica em dominância algum tipo de relação, seja na forma de sua subordinação seja na tensão que oferecem. Por isso, o trabalho anarquenealógico tem como primazia as contradições intrínsecas (FOUCAULT, 2008), ou seja, aquelas que se desenrolam na própria formação, sem que com isso desconsidere as contradições extrínsecas e suas relações de sobredeterminações entre as distintas formações, de modo a supor o lugar da contradição como o lugar do outro (formações históricas dominadas e sobredeterminadas).

como homogeneidade imaginária, a partir da década de 1960, com sua reatualização pelo *gozo-gore-milico-autoritário*<sup>21</sup> personificado na chamada ditadura militar brasileira.

Já na virada da década de 1980 para 1990, o cis-hétero-militarismo teria se escamoteado no corpo social em micro-funcionamentos difusos. Não que tenha desaparecido. Penso que ocorreu uma contra-sequestração.<sup>22</sup> Ou seja, esse conjunto heterogêneo e polivalente de estratégias migrou para as relações locais. Existindo de modo subterrâneo nos pontos microfísicos das relações de poder, conseguiu reestruturar suas condições de (re)emergência, consolidando-se a partir de 2011, por meio de uma radical derivação enunciativa. Conseguiu, em verdade, transmutar-se em outro fenômeno, com demarcada especificidade. Isso porque uma formação histórica pode retornar, inclusive com dominância. Contudo, nunca retorna da mesma maneira.

Dessa forma, compreendo que o cis-hétero-bolsonarismo não é uma formação histórica formalmente diferente do cis-hétero-militarismo. Isso porque, apesar de sua relativa heterogeneidade, há um efeito de homogeneidade enunciativa. Tal homogeneidade é igualmente percebida tanto em seu nível linguístico (léxico e sintaxe), quanto em seu nível lógico (estrutura proposicional e sistema dedutivo). Tais níveis indiciam que o cis-hétero-bolsonarismo constitui uma formação histórica derivada do cis-hétero-militarismo que passa a funcionar como um dos seus domínios de memória (COURTINE, 2014). Claro que isso pensado a partir de uma região específica: a significação da dissidência sexo-gendrada; não sendo, portanto, possível estender essas relações de decorrência para a totalidade do fenômeno do bolsonarismo. Até porque o que delimitei como cis-hétero-militarismo não pretendia expressar uma globalidade do regime ditatorial, tampouco buscava dar conta de uma periodização aprioristicamente fechada em si (efeito do imaginário). Pelo contrário, tais formulações conceituais põem em jogo um corte temporal imposto pela serialização incontornável ao fazer historiográfico, tal qual o compreendo.

Mais uma vez é preciso destacar que não se trata de ceder ao efeito de continuidade, numa perspectiva de sucessão de acontecimentos. Ao contrário, estamos a montar uma série temporalmente

21 Para uma delimitação desse conceito, *vide* Rick Afonso-Rocha (2021b).

22 A respeito do conceito *sequestração*, *vide* Foucault (2015).

esparsa que nos levou a emergência de enunciados discursivos e iconográficos a partir de 1917 com os efeitos de sentido em circulação após a Revolução Russa (comunismo como devassidão sexual); sua reatualização a partir de 1930 com o integralismo ultraconservador; sua ruptura delimitada em 1964 com a ditadura cis-hétero-militar brasileira (“homossexual” como inimigo polimorfo). Por fim, até a emergência do cis-hétero-bolsonarismo a partir da década de 2000. Todas essas imagens de tempo funcionam como domínio de memória do cis-hétero-bolsonarismo.

Há aí uma complexa cadeia de derivação discursiva e iconográfica. Toda emergência põe em jogo re-emergências (im)possíveis. Discursos e visibilidades que têm suas condições de possibilidades concretizadas ou não. Aqui, não poderia desprezar aquilo que produz a operação recursiva ao fascismo nessas imagens de tempo: suas visibilidades e seus discursos reitores: são aqueles localizados na raiz de uma árvore de derivação enunciativa (FOUCAULT, 2008). Eles regem as regras de organização, de constituição, de aparição, de desaparecimento e as condições de possibilidade de dada formação histórica. São eles que organizam a relação entre as formações históricas, seus distintos processos de entrecruzamento, bem como regem o surgimento e o desempenho de outros enunciados na formação pela qual emergiram.

## Metodologia

Trata-se de uma pesquisa *descritivo-analítica*<sup>23</sup> sobre as políticas sexuais e de gênero no cis-hétero-bolsonarismo, desde uma perspectiva que denomino, a partir de (DELEUZE, 2017; FOUCAULT, 2008; LARRAURI, 2018), como *ciência das formações históricas*. Nesse sentido, busco fundamentar e propor uma metodologia, ainda em vias de constituição epistemológica, capaz de facilitar o processo de descrição das regras que regem as práticas enunciativas ora pesquisadas, bem como o procedimento de diagnóstico da racionalidade

---

23 O conjunto descritivo ou crítico é tomado, por Foucault (2008), como descrição arqueológica, já o conjunto analítico aparece como análise genealógica. Não se deve pressupô-los como fases distintas de uma pesquisa, mas como um procedimento metodológico intrinsecamente imbricado na constituição daquilo que se pode chamar de análise anarquenealógica (LARRAURI, 2018).

cis-hétero-bolsonarista. Metodologia que designei, a partir da conjugação de Jean-Jacques Courtine (2013), de Carlo Ginzburg (1989) e de Maite Larrauri (2018), como *anarquegenealogia indiciária dos enunciados*.

Para tanto, parto dos dois conjuntos metodológicos de análise apontados por Foucault (2014), a saber:

- a. *conjunto descritivo, crítico ou arqueológico* que põe em prática o princípio de *inversão*, pela *descrição* dos procedimentos de exclusão do discurso (interdição, separação, oposição verdadeiro/falso), de delimitação do discurso (comentário, autor, disciplina) e de rarefação do sujeito (ritual, doutrina, sociedade de discurso e apropriação social). Por meio do qual é possível mostrar o cis-hétero-bolsonarismo como efeito de uma dispersão material, ou seja, como um conjunto de acontecimentos enunciativos que se efetiva no âmbito da materialidade pela produção do seu regime de cis-hétero-verdade, pelos mecanismos de controle/delimitação do dizer e pelos processos de qualificação do sujeito autorizado a falar;
- b. *conjunto analítico ou genealógico* que põe em prática os princípios de *descontinuidade*, de *especificidade* e de *exterioridade*, pela *análise* dos sistemas de coerção, das séries enunciativas, das normas específicas e das condições de aparição, crescimento e de variação. Por esse conjunto procedimental, o cis-hétero-bolsonarismo pode ser, então, interpretado como formação histórica dominante da significação da dissidência sexo-gendrada, ou seja, como um domínio de enunciação das formas legitimadas de ver e das formas autorizadas de dizer as dissidências sexuais e de gênero.

Tais conjuntos procedimentais permitem-me pensar o cis-hétero-bolsonarismo como *ordem enunciativa* de controle do dizer/ver, de delimitação do seu regime de verdade (dizer autorizado e verdadeiro), pelas funções enunciativas que regularizam suas aparições, determinando tanto as condições de seu funcionamento como a qualificação dos sujeitos autorizados a falar, seus rituais, sua distribuição, sua circulação e sua apropriação em determinados espaços e não em outros. Em suma, isso significa pensar o cis-hétero-bolsonarismo como constituição de um *grupo doutrinário difuso* (FOUCAULT, 2014). A doutrina cis-hétero-bolsonarista é constituída pelo reconhecimento e aceitação

de certas regras como condição de pertencimento e de diferenciação: produz-se o sujeito bolsonarista, cria-se as normas de adesão pelas quais é possível emergir uma posição de sujeito nomeada como bolsonarista. Parafraseando Foucault (2014, p. 42), pergunto: o que seria o cis-hétero-bolsonarismo senão “[...] uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?”

## Resultados e discussão

A organização, a montagem, a seleção e a análise prévia do *corpus* (em construção) permitem-me afirmar que há vestígios/indícios que apontam para o funcionamento de uma economia libidinal cis-hétero-bolsonarista como mecanismo político e simbólico de produção imaginária dos corpos LGBTQ+ como inimigos polimorfos e dissimulados:<sup>24</sup> *eterna bicha*.<sup>25</sup>

24 Faço referência a uma das produções do cinema nazista: o filme *O Eterno Judeu* (1940), de Fritz Hippler. Em algumas das cenas dessa película, é possível notar a tentativa de mostrar que a suposta periculosidade maior do “judeu” advinha do seu “polimorfismo”: o “judeu” poderia dissimular-se, poderia fazer-se ser visto como um indivíduo “aparentemente” ordinário, fazendo-se aparentar um “cidadão tipicamente comum”. O *eterno judeu* seria tão ameaçador que poderia emular um europeu, ou pior, poderia emular um alemão. Por isso, representaria uma grande ameaça.

25 Com a formulação *eterna bicha*, busco, assim, conjugar os efeitos de sentidos em funcionamento no cis-hétero-bolsonarismo em relação aos corpos LGBTQ+, na dimensão em que esses são tomados e significados como espectro do corpo tentacular de Lula (corpo imoral, corpo comunista e corpo corrupto). Tal qual esse imaginário comparece nos enunciados de porta-vozes do cis-hétero-bolsonarismo, a exemplo de Olavo de Carvalho (2018) quando denuncia uma suposta ideologia de gênero como “estratégia globalista”, metaforizada na atuação do Partido dos Trabalhadores que, para derrubar o capitalismo ocidental, visaria a destruir os valores cristãos (1), com a tomada de espaços estratégicos de poder (2), pelo uso do lumpesinato (3), aí significado como “escória social” (bandidos, putas, LGBTQ+, desempregados etc.), conjugando, em sua leitura, paranoica e conspiratoriamente, estratégias supostamente propostas por György Lukács (1), Antonio Gramsci (2) e Herbert Marcuse (3). Essas três estratégias explicariam a atuação tentacular das esquerdas: da escola, passando pelos sindicatos, pelas associações de bairros, pelo judiciário, pelos conselhos profissionais até culminar na presidência da República como forma de tomada do poder pela desmoralização social necessária à destruição do cristianismo e da família.

Num primeiro momento, podemos inferir que isso se dá com a intensificação fantasmática de uma guerra cultural<sup>26</sup> em curso, de modo que a chamada “ideologia de gênero” atualizaria o lugar do *inimigo interno*, da Doutrina de Segurança Nacional. A produção do inimigo sexo-gendrado funcionaria desde o efeito de metaforização do *corpo simbólico de Lula* (corpo tentacular), aparentemente fragmentado em *corpo imoral*, *corpo corrupto* e *corpo comunista*. Os corpos LGBT+ seriam, então, produzidos como um nó metonímico dessas imagens corpóreas.

O corpo simbólico de Lula parece funcionar como território em constante disputa: se a direita reacionária tende a produzi-lo como um corpo *corrupto* e *imoral*, funcionando como espectro metonímico de todo *comunista* (plasticamente considerado como todos aqueles que não são reconhecidos como bolsonaristas – grupo doutrinário); parcela significativa das esquerdas busca dissociá-lo dessas imagens (comunista, corrupto e imoral). Direi de outra forma: enquanto a extrema direita tenta “sujar” o corpo de Lula, produzindo-o como sinonímia das “imoralidades” sexo-gendradas (*Lula = comunista + corrupto + imoral = bicha*), setores ditos das esquerdas democráticas, mas não só, tentam sacralizar uma imagem limpa, asséptica e higiênica desse corpo lulista, buscando reatualizá-lo como imagem de uma classe proletária pacífica, ordeira, homogênea, reformista e que anseia pelo consenso. O corpo de Lula se encontra em disputa de significação. E é dessa disputa radical que os sentidos sobre as dissidências sexo-gendradas parecem emergir no cis-hétero-bolsonarismo. Trata-se, portanto, da relação entre o corpo ausente de Lula e suas imagens corpóreas, que fazem às vezes do objeto ausente/perdido.

O cis-hétero-bolsonarismo serviria, com isso, à chancela e à legitimação do ódio que não ousava se dizer em público (é preciso desconfiar dessa homogeneidade), mas que “agora” seria vociferado, pois se junta a outras vozes. Por isso, a voz é um fenômeno singular para o fascismo de bando ou tribalismo reacionário. É por ela que o sentimento de pertencimento se fortalece e a vergonha é destruída, mostrando ao fascista recalcado/em potencial que há vozes como a dele. Vociferações do terror pelo risível como produção de

---

<sup>26</sup> Para uma análise sobre a guerra como modo de vida no cis-hétero-bolsonarismo, bem como para uma análise sobre a genealogia dessa estratégia e sua relação com a DSN, v. (ROCHA, 2021).



identificações fascistas, vociferações como constituição de um grupo doutrinário por meio da ritualização da ameaça sexo-gendrada, pela qualificação e fixação dos sujeitos autorizados a falarem, pela distribuição, circulação e apropriação do seu regime de cis-hétero-verdade, isto é, do imaginário de uma realidade cis-heterossexista transparente, pretendida e sustentada por essa doutrina.

Portanto, na lógica cis-hétero-bolsonarista, dizer “Brasil tem que deixar de ser país de maricas”<sup>27</sup> pode produzir como efeito de sentido a necessidade de reforçar e equipar ainda mais os mecanismos de eliminação das vidas bichas. No contexto, Jair Bolsonaro criticava as medidas contra a pandemia que considera exageradas e prejudiciais à economia. Um dos muitos efeitos desse discurso é responsabilizar os LGBT+ pelos efeitos da pandemia. Se, talvez, não há mais espaço para falar que o vírus seria uma punição divina aos “pecadores nefandos”, embora esse sentido também circule, responsabiliza-os pela suposta fragilidade do “brasileiro” que não seria mais capaz de suportar uma “gripezinha”, uma vez que ficou muito sensível. Claro, sensibilidade é coisa de bichas. Se o brasileiro teme morrer é porque se deixou contaminar pela frescura. Macho que é macho não temeria um vírus. Logo, não haveria isolamento social, todos estariam trabalhando e a economia, salva. Se não está, a culpa é da frescura bicha que corrompeu a masculinidade viril do brasileiro, essa pretensa massa uniforme e homogênea. Por isso, para o Brasil se salvar, haveria apenas um caminho: “deixar de ser maricas”, expurgando a frescura das bichas.<sup>28</sup>

Pelo procedimento da redução do discurso-ocorrência pelo discurso do descritor (FIORIN, 1988), segundo o qual, após a análise de diversas ocorrências, o descritor (analista) reescreve tais funcionamentos enunciativos em novas sequências paradigmáticas, pelo uso da paráfrase, teríamos:

*Brasil tem que deixar de ser país de maricas =*

27 REDAÇÃO Uol Notícias. “País de maricas”: Bolsonaro mistura homofobia e indecência, diz imprensa internacional. *Uol notícias*, 11 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/11/11/com-pais-de-maricas-bolsonaro-mistura-homofobia-e-indecencia-diz-imprensa-internacional.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

28 É nesse sentido que penso o sujeito bolsonarista como uma posição de sujeito castrado de ânus: “O cu é metonimicamente convocado e metaforiza um corpo legislado. O corpo, parcializado nas pregas, é também significado como um espaço ‘regrado’, vigiado em seus sentidos, pela ordem do dizer” (MELO, 2019, *online*).

Os LGBT+ são uma ameaça social.

O Brasil precisa conter e eliminar a ameaça LGBT+.

A eliminação da ameaça LGBT+ nos fará um país forte.

Não somos fortes porque estamos contaminados pelo estilo de vida LGBT+.

Os LGBT+ nos fizeram fracos.

Assim, tais enunciados, agora descritos com base no texto-ocorrência, converter-se-iam em licença para matar (ainda mais) viados, sapatas, trans, travestis... Esse seria um dos funcionamentos da economia libidinal do cis-hétero-bolsonarismo, cada vez mais presente em nosso cotidiano, a exemplo da agressão sofrida por um jovem homossexual, numa padaria em São Paulo, em 22 de novembro de 2020. Ao entrar no estabelecimento, o jovem passa a ouvir insultos homofóbicos e racistas de uma mulher identificada como Lidiane Biezok, que chega a agredi-lo fisicamente. Em uma das falas, Lidiane diz: “Eu não estou falando porra nenhuma. Isso aqui é uma padaria *gay*?”, visivelmente transtornada e ofendida pela mera *presença* daquela corpa-bicha efeminada.<sup>29</sup> Nesse imaginário, devemos supor que Lidiane agiria como uma soldada patriota a livrar o país da *ameaça cor-de-rosa*. Ela supostamente teria ouvido o chamado à “insurreição” reacionária, insurreição contra a ameaça comubicha.

## Considerações finais

As reflexões aqui levantadas foram relevantes para aventar a hipótese de que o cis-hétero-bolsonarismo traduziria, assim, o pânico moral como racionalidade política dominante por meio da sua constituição como formação histórica hegemônica da significação da dissidência sexo-gendrada e como grupo doutrinário de produção das identificações cis-hétero-bolsonaristas e de mobilização do desejo fascista pelo risível e pelo grotesco. Para isso, intensificaria o estado de medo pelo qual a sociedade estaria em constante ameaça, transmutando-se em *estado de pânico permanente*. Sem pânico moral, não existiria cis-hétero-bolsonarismo.

<sup>29</sup> DEHÔ, Maurício. Mulher agride jovem em ataque homofóbico em padaria de SP. *Uol notícias*, 22 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/11/22/jovem-e-agredido-por-mulher-em-ataque-homofobico-em-padaria-de-sp.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

O que nos levaria, penso eu, a reconsiderar a imaginária e homogênea imbecilidade natural do porta-vozes<sup>30</sup> cis-hétero-bolsonaristas pressuposta por diversas leituras identificadas às ditas esquerdas democráticas. Enquanto ri-se deles e de suas supostas imbecilidades, seus discursos circulam e afetam numa amplitude e dimensão inimaginável para a maioria de nós. Precisamos nos haver com o doloroso fato de que o cis-hétero-bolsonarismo faz sentido e é desejado por uma parcela complexa e heterogênea da população. Não devemos idealizá-la ou homogeneizá-la, muito menos supor a sua natural “ignorância”, como parece funcionar em: “[...] infelizmente, a população brasileira carente e desescolarizada, e hipnotizada pelo fascismo acredita nesse tipo de coisa [mamadeira de piroca e kit-gay]” (TIBURI, 2020, p.71). Funcionamentos ideológicos esses que implicitamente responsabilizam as camadas mais pobres – lidas nesse imaginário da esquerda intelectualizada como ignorantes, logo, facilmente enganadas – pela sustentação do fascismo-hétero-bolsonarista, o que acaba por atenuar e dissimular o apoio massivo das classes mais abastardas (ditas intelectualizadas no imaginário elitista) ao cis-hétero-bolsonarismo.

Sem mencionar que essa lógica, ao trabalhar com “manipulação”, deixa de lado ou acaba atribuindo um peso menor à produção do desejo social pelo fascismo. Como disseram Deleuze e Guattari, o desejo nunca é enganado: “Daí o grito de Reich: não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o [...] [fascismo], e é isso que é preciso explicar... Acontece desejar-se contra seu interesse: o capitalismo se aproveita disso.” (2010, p. 47). Com efeito, prefiro, então, falar em condução das condutas ou, no neologismo foucaultiano, governamentalidade, uma vez que esse conceito não deixa de lado o fato de que a sociedade (também considerada como efeito imaginário) pode gozar com e na censura. As ditas “massas” podem desejar o fascismo. Só precisam da chancela do bando, precisam apenas reconhecer a aceitabilidade social do que antes era, talvez, hegemonicamente significado como absurdo e vergonhoso. Isso não é apenas propaganda. Muito menos manipulação. Há desejo, há identificações (há também desidentificações e contra-identificações). Devemos lidar com isto: o fascismo-hétero-bolsonarista é objeto de desejo, não de todos, mas de muitos.

---

<sup>30</sup> Uso o conceito *porta-voz* tal qual foi delineado por Dominique Maingueneau (2020).

## Referências

AFONSO-ROCHA, Rick. Cis-hétero-bolsonarismo e suas definições. *Le Monde Diplomatique Brasil*, de janeiro de 2021a. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/cis-hetero-bolsonarismo/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

AFONSO-ROCHA, Rick. *O perigo cor-de-rosa: ensaios sobre deimopolítica*. Salvador: Devires, 2021b. (No prelo).

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. São Paulo: Autêntica, 2013.

ALTHUSSER, Louis. A corrente subterrânea do materialismo do encontro. *Crítica Marxista*, Rio de Janeiro, n.20, 2005, p. 9-48.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOITO JR, Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo? *Crítica Marxista*, v. 1, n. 50, p. 111-9, 2020.

BORÓN, Atilio. Caracterizar o governo de Jair Bolsonaro como “fascista” é um erro grave. *Brasil de fato*, 02 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/01/02/artigo-or-caracterizar-o-governo-de-jair-bolsonaro-como-fascista-e-um-erro-grave>>. Acesso em: 05 maio 2021.

CARVALHO, Olavo. Olavo de Carvalho sobre Herbert Marcuse, lumpemproletariado e estudantes. Fragmento 02. *Canal do Youtube Tempos modernos*, 20 de março de 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=QBoBcDRArpY>>. Acesso em: 06 maio 2021.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011.

CHAUÍ, Marilena. Neoliberalismo: a nova forma do totalitarismo. *A terra é redonda*, 06 de outubro, 2019. Disponível em: < <https://>

aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo >. Acesso em: 08 maio 2021.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Michel Foucault: as formações históricas*. São Paulo: N-1 edições; Politeia, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DIAS, Mauro Mendes. *O discurso da estupidez*. São Paulo: Iluminuras, 2020.

FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: Discurso e Ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A sociedade punitiva: curso no Collège de France (1972 -1973)*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020.

LARRAURI, Maite. *Anarqueología: Foucault y la verdade como campo de batalla*. Madrid: Enclave de libro, 2018.

LESSA, Renato. Homo bolsonarus. De como nasceu e se criou o confuso e perigoso animal artificial que encarna momentos arcaicos da sociabilidade brasileira. *Serrote*, Edição Especial, julho de 2020. Disponível em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2020/07/serroteedicao-especial/>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do discurso, esfera superior e porta-voz. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 20, n. 1, p. 120-135, 2020.

MELO, Iago Moura. Acuendações do corpo em Linn da Quebrada. *Anais do IV Desfazendo Gênero*. Realizado em Recife, 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/64027>. Acesso em: 27 abr. 2021.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PINTO, Louise Emilie Nascimento Marques. *O funcionamento do humor na ficção de Stanley Kubrick*. Dissertação – (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações), Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2019.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio*. Goiânia: Caminhos, 2021.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cis-generidade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

TIBURI, Márcia. *Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. *Estudos Feministas*, v. 28, n. 3, p. 1-12, 2020.